combater as influencias contrarias ao nosso caracter étnico, inimigas da nossa autonomia espiritual é provocar, por todos os meios de que se serve a inteligencia humana, o aparecimento de novas forças moraes orientadoras e educadoras do povo, *que sejam essencialmente lusitanas*, para que a alma d'esta bela Raça resurja com as qualidades que lhe pertencem por nascimento, as quaes, na Edade Media, lhe revelaram os segredos dos mares, de novas constelações e novas terras, e, de futuro, lhe deverão desvendar os misterios dessa nova vida social mais bela, mais justa e mais perfeita.

Logo que alma portuguesa se encontre a si propria, rehaverá as antigas energias e realisará a sua civilisação.

Sonho belo, mas chimerico? Não! Descobrem-se já na alma da nossa Raça alvoroçantes sintomas de renascença. O seu esforço de 5 de outubro foi o despontar da sua heroicidade que dir-se-ia morta para sempre; foi um *signal* de abnegação; houve vidas sacrificadas á Vida.

A sombra de Nun'Alvares saiu do túmulo e vagueou nas ruas de Lisbôa; sulcaram o Tejo phantasmas de caravelas em demanda da India Ideal, essa India que fica em pleno mar do nosso sonho.

Admiraveis presagios! Já brilha a estrella da nova Manhã! Chegou, na verdade, o momento divino de todos os bons portuguezes colaborarem na grande obra da nossa Renascença! O *morto* estremeceu, ao sentir o primeiro halito de vida. Abramos-lhe a tampa do sepulcro! Eis a nossa obra, a obra do nosso amor e da nossa fé.

Este apêlo que fazemos aos portuguezes, por isso mesmo que nos sáe da alma, ha de ser ouvido. E a **Renascença Lusitana**, n'este instante em que apresenta ao povo a sagrada ideia que a anima, espera firmemente que se reunam em volta d'ela todas as almas esperançosas que sentem em si o germinar d'uma nova vida, o acordar d'um novo alento creador de belêsa, de justiça e de bondade, os tres elementos constituitivos d'uma verdadeira civilisação.

Não se exige que se seja artista ou poeta ou sabio para trabalhar n'esta obra; tal coisa seria dum exclusivismo ridiculo. Todo aquele que acreditar no renascimento lusitano, todo aquele que nos trouxer um clarão de esperança, será recebido de braços abertos como leal e firme camarada.

Estas palavras, como já fica dito, têm por fim mostrar ao povo portuguez qual a ideia que inspira a **Renascença Lusitana**. *Essa ideia*, repetimos, *é reintegrar a alma da nossa Raça na sua pureza essencial, revelar o que ela é na sua intimidade e natureza originaria, para que tome conta de si propria, e se torne activa e creadora, e realise, emfim, o seu destino civilisador.*

Temos, portanto, em vista: *dar ao povo uma educação lusitana e não estrangeira; uma arte e uma literatura, que sejam lusitanas*; e uma religião no seu sentido mais elevado e filosofico, *que seja tambem lusitana.*

Com efeito, quem surpreender a alma portuguesa, nas suas manifestações sentimentaes mais intimas e delicadas, vê que existe n'ela, embora sob uma fórma difusa e caótica, a materia d'uma nova religião, tomando-se a palavra *religião* como querendo significar a anciedade poetica das almas pela a perfeição moral, para a belêsa eterna, para o misterio da Vida . . . Ora a alma portugueza *sente esta anciedade d'uma maneira propria e original*, o que se nota facilmente analisando os cantos populares, as lendas, a linguagem do povo, a obra de alguns poetas e artistas e sobre tudo, a suprema creação sentimental da Raça — *a Saudade!*

Sim: na alma lusitana ha a nevoa d'uma nova religião; e por isso, o catholicismo, importado de Roma, jámais se tornou portuguez, como se tornou hespanhol, por exemplo. Todavia, em virtude da insistencia com que tem sido cultivado em Portugal, concorreu para desnaturar o nosso caracter; é necessário, portanto, combatê-lo, como a todos os inimigos invasores, ou sejam de casta pedagogica, artistica, literaria, religiosa ou filosofica.

Esta lucta, assim como a obra reconstructiva da **Renascença Lusitana** será feita, além d'outros meios, por meio de conferencias, livros e d'uma revista de literatura, filosofia, sciencia, critica social, etc., que se intitulará *Aguia* e será o orgão da sociedade.

Eis a obra a que vamos dedicar o melhor da nossa actividade e todo o nosso entusiasmo, esperando o concurso dos bons portugueses.

Bem sabemos que é uma obra enorme. Mas é preciso que alguem lhe dê o primeiro impulso. Outros, mais fortes do que nós, terão a gloria de a concluir.

Ao ser levado para Lisboa, o seu autor acrescentou-lhe o seguinte:

Diremos, de passagem, que consideramos como os grandes factores do nosso renascimento, a Higiene e a Arte.

Por aquela atingiremos a harmonia fisica, e por esta a harmonia espiritual.

A Gimnastica encerra tanta virtude como a Arte Poetica. A guerra ao alcool, ao tabaco, á alimentação carnivora, por exemplo, é uma guerra santa e confunde-se com a glorificação da Belêsa moral, com a apoteose dos sentimentos e das ideias mais puras e transcendentes.

A Iliada e os Jogos Olimpicos!

Na reunião de Lisboa, resolveu-se que Raul Proença redigisse um outro que transcrevemos:

AO POVO

A "Renascença Portuguesa,,

A SOCIEDADE portuguesa, saída há pouco d'uma revolução triunfante, que se effectivou em virtude de aspirações mais ou menos definidas e de esperanças mais ou menos fortes, encontra-se hoje numa situação única da sua história. Sente-se que é preciso desde já garantir o nosso futuro, dar uma alma nova á nossa nacionalidade, despertar acção e vida nesta existencia de modorra, fazer surgir emfim alguma coisa que nos alimente a esperança, móvel da revolução e fonte de toda a vida. Que aconteceria se assim não fosse? A revolução seria então um desânimo que viria justapôr-se a milhares de desânimos anteriores, e não teriamos para legar aos nossos filhos senão a memória da nossa falencia. Desde esse momento, a esperança seria uma palavra vã em bôcas portuguesas.

Eis o que é preciso evitar a todo o custo. Urge concentrar num *blóco* de renascença nacional tudo o que há ahí de esparso — todas as boas vontades que teem esbarrado com a indifferença, todas as iniciativas que teem malogrado por falta de uma acção commum e persistente, todas as intelligencia que se esterilizam no isolamento. Blóco, sim, mas norteado apenas pelo amôr da collectividade, estranho a todas as facções politicas, religiosas e filosóficas, e a todas as *coteries* literárias e artisticas; e tão largo que n'elle caibam as tendencias mais variadas, contanto que *uteis*, e os espiritos mais diversos, contanto que *dedicados*.

Já não é a primeira vez, bem sabemos, que se tem tentado sériamente lançar mãos a esta tarefa essencial. E sabemos tambem, infelizmente, que todas essas tentativas, apesar das diligencias dos seus iniciadores, teem abortado entre os fogos fátuos da rhetórica de alguns, e a indifferença ou o cansaço dos outros; como se a nossa gente para mais não desse do que para o incanto das iniciações, para os espasmos, os orgasmos fugidios da sensibilidade, e não pudesse acompanhar uma obra até á sua maturação completa, porque aos incantos de concepção e da partilha se teem de suceder os labôres da criação. E esses factos, esses desastres, essas tristes lições, mais teem contribuido para o nosso progressivo desânimo, tornando-se contraproducentes, porque teem acrescentado á nossa miseria a convicção de que todo o esforço é ineficaz. Mas as causas dêsses malogros não teem sido d'ordem própriamente intellectual, e

não residem numa incapacidade absoluta do espirito perante a solução dos primeiros problemas. As causas teem sido, principalmente, d'ordem moral — uma ausencia absoluta de largueza d'alma e de solidariedade, de que vimos até ao momento recente dando largas e tristissimas provas. Assim, impossivel tem sido reunir sete homens que accordem numa idéa, e a realizem, porque, se o teem tentado fazer, logo uma idéa secundaria, um ponto sem importancia, uma palavra mesmo os separa irremessivelmente. Porque como todos os homens sem verdadeiro caracter, somos d'uma susceptibilidade doentia — d'uma susceptibilidade que é nem mais nem menos do que o antipoda do orgulho.

Se todos nós, esquecendo divergencias de detalhe, divergencias verbaes a que o português costuma ligar uma importancia absoluta, coisas mesmo essenciais sob outros pontos de vista, nos ligassemos como um só homem para a resolução dos problemas nacionaes, com certeza que ainda alguma coisa poderiamos conseguir. É esta a nossa esperança: a solidariedade bem entendida.

Para isso contamos com uma atmosféra propicia da sociedade portuguesa, Certo que não existem aspirações nítidas, desejos concretos, e que um fim bem claro se não desenha ainda á actividade de todos nós. Mas o que existe incontestavelmente é uma aspiração esparsa, latente, em nebulosa — uma *atmosféra,* como dissemos, um sentimento de mal-estar que é a primeira condição de movimento, e um desejo de *alguma coisa* — não se sabe bem o quê — que nos incite, que nos impulsione, que nos una, que nos salve. Este é o facto de que partimos; *sente-se* demais para carecer de demonstrações.

Que fazer pois? Que males concretos devemos combater, e que remedio urge oppor-lhes?

Os males são conhecidos, e não nos compete, nem queremos, aqui estabelecer uma *etiologia* completa da nossa doença collectiva, bastando indicar-lhe os principaes simptomas, ligados a uma causa genérica, que não pretendemos no entanto sêr única.

A sociedade portuguesa, depois de tres séculos de educação jesuitica, depois d'um verdadeiro ensino de *esquecimento,* olvidou todas as energias vivas, todas as forças intimas que a tinham posto outr'óra a par da civilisação mundial. A nossa educação moderna, mesmo a actual, apesar de todas as aparencias, não tem feito mais que prolongar por impulso adquirido o movimento da Contra Reforma, pensando muito a sério colaborar com a civilização moderna; chegando-se a este paradoxo cruel e original: ser um perigo diffundir a instrucção, se a instrucção é o que fazem os nossos liceus e as nossas escolas superiores, onde ainda sobreleva a letra ao espirito, as palavras ás ideias, as abstrações theóricas ás realidades práticas, e onde se troca a ignorancia pela imbecilidade adornada e pedante. Achamo-nos assim num mundo novo, como estremunhados num banquete. Damos a impressão de quem esteve num somno hipnótico de séculos, e que de repente acorda entre vivos.

O nosso espirito, a nossa maneira de encarar os problemas, o nosso modo de os resolver, as ideias fundamentaes que formamos da vida e do mundo, tudo isso que é o que importa numa sociedade, porque é o que nella ha de garantias para uma sociedade melhor, são coisas anachrónicas, sem relação nenhuma com o meio europeu em que nos integramos fisicamente. É como se fôssemos uma pústula no seio da Europa, onde circúla ininterruptamente um sangue sempre novo e sempre vivificante. Como estremunhados, pensamos ideias que não são *para* o nosso tempo, continuamos num sonho distante, extranhos á actividade, extranhos ao pensamento moderno. De vez em quando um golpe de vento mais forte sopra d'além Pirineus e açoita-nos as faces: é o scientismo, é o positivismo, é o evolucionismo, é o determinismo. E é vêr então, como todos esses principios que lá fóra inspiraram successivamente ideias de progresso, de creação e de conquista, e que tiveram por principal mérito serem *fecundos,* aqui se tornam prejudiciaes, e se constituem em estorvos e em preconceitos. O amôr da Sciencia só nos serviu para crêrmos que ella provou que muita coisa se não póde fazer; o positivismo para defendermos os dogmas parados; o evolucionismo, para nos ensinar que tudo se faz muito devagar e que é bom portanto não nos mechermos muito depressa; o determinismo para nos ensinar que tudo é obra de leis immanentes, e que não vale mesmo a pena mechermo-nos absolutamente nada.

As ideias que lá fóra foram no seu momento *progressivas* tornaram-se, pois, aqui *inhibitorias,* como afagos para a nossa passividade inata e para o nosso fatalismo hereditario. E o mal é tão grande que até na linguagem, esse banal instrumento d'uma época, nós estamos fóra do nosso tempo: falamos uma linguagem politica e social que ninguem já entende, e que faria rir ás gargalhadas o operario menos culto da França ou da Inglaterra. D'aqui a nossa incapacidade para resolvermos os problemas *novos* que se levantam no nosso caminho, porque não se resolvem problemas *novos* com uma mentalidade *antiga.*

O remedio indica-o claramente o mal. Que fazer então? Pôr a sociedade portuguêsa em contacto com o mundo moderno, fazê-la interessar pelo que interessa os homens lá de fóra, dar-lhe o espirito actual, a cultura actual, sem perder nunca de vista, já se sabe, o ponto de vista nacional e as condições, os recursos e os *fins* nacionaes. Temos de aplicar a nós mesmos, por nossa conta, esse espirito do nosso tempo, de que temos estado tão absolutamente alheados. Os problemas são variadissimos: educativos, economicos, moraes, literarios, artisticos, financeiros, militares, coloniaes. A escóla, o livro, a revista, o panfleto, o manifesto, a conferencia, a exposição, o inquérito, a viagem de informação de estudo — taes são os meios que temos ao nosso alcance. Por elles diligenciaremos crear em Portugal estas duas coisas absolutamente novas: uma *élite* consciente, uma *opinião pública* esclarecida.

Eis o nosso fim, eis as nossas ideias. D'aqui fazemos um appêlo a todas as pessoas uteis, sem distincção de classes, que não desejem viver egoistamente. Até aqui temos esperado tudo de todos, menos de nós mesmos; a nossa providencia tem residido fóra de nós. É preciso que nós habituemos á ideia que o progresso d'uma nação se faz mais pelo esforço individual do que pelas providencias governativas. Torna-se, pois, mister chamar para a reorganisação nacional todos aquelles a quem a politica não póde «refranger» os intuitos patrioticos, porque se não distrahem no caminho e vão direitos ao fim. Repetimos: a situação é *unica* na nossa historia, e situações unicas requerem sacrificios unicos — excessivos, superabundantes mesmo, se assim o quiserem.

Comnôsco devem, pois collaborar, activamente, os que crêem. A descrença não pode desculpar a inacção. O futuro tem isto de bom: o ser imprevisivel. Todos devemos, pois, *arriscar* a nossa acção, certos de que socialmente cumpriremos um dever e que individualmente a lucta será para nós como um processo de auto-therapeutica. Unamo-nos, pois, para fazer ao nosso país esta dádiva inestimavel — uma alma que o resuscite, e que o faça grande, não grande das passadas glórias, mas grande da dignidade d'um pôvo que quer ser livre e que merece ser livre.

Nem um nem outro, porém, dêstes manifestos se distribuiram.

Os Parócsistas

. . . . . .

Mas a peregrinação prosegue, estuante. Dezenhou-se em Portugal, nos começos de 912, um movimento de rejeneração mentalista. O veículo das suas teorias chama-se *A Aguia,* letreiro decerto simbolico, e traz fóros de dis-